

Introdução

Informações sobre o espaço geográfico são difundidas para o grande público através de veículos distintos. Há bastante tempo sabe-se que não são apenas as aulas de geografia e nossas experiências diretas que influenciam a construção de imagens mentais sobre o espaço. Através de jornais, revistas, televisores e computadores o público recebe uma grande quantidade de informação que influencia no processo de qualificação e significação dos lugares.

O presente projeto busca estabelecer uma discussão sobre o papel das imagens midiáticas na difusão de informações sobre o espaço geográfico a partir de um objeto específico: *a cartografia jornalística brasileira construída para representar os espaços de fronteira sul-americanos*. O objetivo aqui é identificar os significados associados aos espaços de fronteira a partir da linguagem cartográfica dos mapas veiculados na imprensa, considerando estas imagens como documentos figurativos de alta circulação, que podem difundir e revelar concepções distintas sobre estas regiões.

Para grande parte da população brasileira, pertencente a um país que se desenvolveu intensamente orientado para o Atlântico, os espaços próximos aos limites internacionais dos países vizinhos são majoritariamente conhecidos através de veículos midiáticos. Afastados dos grandes centros urbanos e dos locais de decisão política, as fronteiras continentais brasileiras são frequentemente representadas nos mapas da imprensa, pois localizar *onde* ocorreu um evento ou fenômeno é uma função muito solicitada quando se trata de uma notícia situada fora do eixo de circulação dos jornais. Como foi evidenciado por pesquisas em outros países, existe uma relação entre a frequência dos mapas jornalísticos e a representação de locais desconhecidos pelos leitores (Monmonier, 1989).

Relacionando os modelos de representações dos espaços de fronteira com discussões específicas sobre as imagens midiáticas e a linguagem da cartografia jornalística, buscarei neste trabalho considerar tanto aspectos relacionados às técnicas de produção dos mapas na imprensa (Monmonier, 1989; Kent e Sandes, 1993), como aqueles ligados a construção de sentidos e significados (Harley, 1996, Gilmartin, 1993, Wood, 1993). A discussão destes mapas pretende identificar os modelos e esquemas que nortearam a sua construção, comparando o uso de práticas cartográficas distintas utilizadas para representar as fronteiras sul-americanas e os fenômenos que as envolvem. Desta forma, pretende-se iniciar uma reflexão em torno da difusão de informações sobre estes espaços raramente conhecidos de forma direta, uma “terra incógnita” para grande parte de população brasileira que produz e consome

as informações jornalísticas.

I - A Fronteira como “terra incógnita”: Delimitação do Objeto de Estudo

Sabe-se que atualmente não encontramos mais mapas da superfície terrestre que representem espaços literalmente desconhecidos, classificados como tendo “existência duvidosa” (Wright, 1947). Neste contexto, ainda é possível se discutir a representação e a construção de imagens mentais sobre lugares desconhecidos? De acordo com o renomado geógrafo John K. Wright (1947) a qualificação de uma área enquanto conhecida ou desconhecida, “depende obviamente tanto de quem conhece como de que classe de conhecimento se tome em conta” (p.167), o que possibilita uma discussão sobre as formas de acessar a informações e de imaginar o espaço na atualidade.

Para a população que majoritariamente escreve e lê os principais jornais de grande circulação brasileiros, as áreas de fronteira, por mais claras que apareçam nos mapas oficiais e jornalísticos, permanecem como lugares longínquos e desconhecidos, afastados de seus espaços de vivência. Para usar a expressão dos “geógrafos” da antiguidade clássica resgatada por Wright (1947), as fronteiras poderiam ser caracterizadas como uma “*terra incógnita*” para a maioria da população produtora e consumidora das informações da grande imprensa. Embora saibamos que não existam mais áreas desconhecidas em termos literais, como aquelas regiões indicadas nos antigos mapas gregos, a imaginação segue sendo um elemento fundamental na nossa relação com o espaço, pois como não temos acesso direto a muitos lugares, seguimos elaborando “concepções imaginativas que tendemos a compartilhar com os outros” (Wright, 1947:6).

A idéia de se trabalhar com uma “geografia imaginativa” que associa qualificações estereotipadas a zonas geográficas específicas tem encontrado bastante espaço no trabalho de geógrafos contemporâneos, principalmente no meio anglo-saxão. Autores como Gregory (1995) e Driver (1999), por exemplo, utilizaram criticamente o termo “geografia imaginativa”, evidenciando como o conhecimento geográfico apresenta uma forte relação com a difusão de informações e a exploração de locais desconhecidos. Estes trabalhos discutem as colaborações do texto de Edward Said (1995) que tem “tido especial influencia na Geografia Cultural anglo-

americana” (Martins, 1998:16) e pode ser caracterizado como “texto fundador do criticismo pós-colonial contemporâneo” (Driver, 2001:7).

A idéia de Said (1995) de que entidades geográficas como “Oriente” e “Ocidente” são historicamente construídas estimulou muitos trabalhos a respeito da construção da alteridade no encontro entre a Europa e o resto do mundo. No presente trabalho, considero que assim como o “Oriente”, a palavra “fronteira” também “acumulou uma ampla gama de significados, associações e conotações” (Said, 1995:203). O encontro com o diferente e a criação de estereótipos é um processo que também ocorre no interior dos continentes e os espaços de fronteira podem ser locais privilegiados para se estudar as formas de qualificação dos países vizinhos e dos seus pontos de articulação com o território nacional. No caso específico do Brasil, trata-se de um país que historicamente não valoriza o diálogo e os intercâmbios no seu continente, o que justifica o raro sentimento de pertencimento do país a América Latina: “ela estaria ali, ao nosso lado, bastava sair inadvertidamente por terra que chegaríamos lá, terra de ‘cucarachos’ e não de conterrâneos” (Sader, 2001:9).

Além de apresentarem uma tendência de difusão de imagens simplistas dos outros países, os meios de comunicação também tratam com freqüência as fronteiras como locais quase inexplorados e pouco articulados ao território nacional. Neste contexto, o envio de repórteres as cidades fronteiriças pode ser relatado como uma verdadeira aventura de exploração. Associando a viagem à fronteira com elementos como perigo, coragem e descoberta as reportagens podem explicitar como as fronteiras, principalmente no norte do país, são vistas como locais longínquos e afastados: “Com muita disposição e especialistas em missões nas fronteiras da região norte, nossos repórteres experimentaram um pouco das dificuldades oferecidas pelas floresta nestas regiões”, relatava o editorial da revista *Veja* (13/2/1991).

A relação entre a imprensa e a exploração de locais desconhecidos não pode ser considerado um fenômeno recente. Discutindo a relação entre conhecimento geográfico e cultura da exploração, o trabalho de Driver (2001) pode evidenciar a importância do jornalismo como forma de divulgação das informações sobre explorações britânicas ainda no período colonialista. Segundo o autor, a apresentação dos exploradores e seus espaços de atuação para o público já era feita através de “uma variedade de mídias comunicativas”, entre elas as “revistas populares e os jornais” (Driver, 2001:200). Este processo de comunicação de informações sobre lugares longínquos se acentua progressivamente e pode-se considerar que no último terço do século XIX “o negócio da exploração foi profundamente influenciado pela transformação do jornalismo popular” (Driver, 2001:10). Este é um dos nichos de sobrevivência de uma cultura da exploração, pois, a partir destes veículos “a fronteira

vem sendo instalada em outros espaços, tanto materiais como imaginários” (Driver, 2001:201).

Trazendo estas discussões para a difusão de informações sobre as fronteiras continentais no Brasil contemporâneo, considero aqui que os mapas jornalísticos e os textos que os acompanham são como “narrativas”, como antigos “relatos de viagem” que ao serem veiculados na imprensa participam do processo de qualificação e significação de localidades desconhecidas empiricamente. Partindo de matrizes teóricas diversificadas, muitos geógrafos já constataram a importância da mídia no processo de criação de imagens mentais, pois estas claramente são “influenciadas pela experiência direta com o ambiente e por recursos externos como os ‘mass media’” (Moore e Golledge, 1976).

Desde meados do século XX, alguns autores já reconheciam a importância da mídia na formação de imagens mentais sobre os lugares. Wright (1947), por exemplo, constatava que para além de um “núcleo” acadêmico produtor de conhecimento, a geografia teria uma “uma zona periférica muito mais vasta”, em “livros de viagens, em revistas e jornais, em muitas páginas de ficção e poesia e em muitas telas” (Wright, 1984:180). Em artigo dedicado a Wright, Lowenthal (1961) segue estas idéias e distingue a existência de uma forma direta de se obter informação sobre o espaço, através de “experiências frescas, de primeira mão” (p.258), de outra indireta, que seria representada pelos “mundos sobre os quais lemos e vemos nas obras de arte” (p.260).

Para Burgess (1987), esta divisão proposta por Lowenthal (1961) tem sido importante para o trabalho dos geógrafos que estudam a qualificação dos espaços na mídia, considerando as diferenças entre informações locais (primárias) e informações noticiadas na grande imprensa (secundárias). No entanto, deve-se compreender que não há como eleger formas mais ou menos legítimas de acesso à informação, considerando que no mundo moderno a “informação mediada é mais central do que secundária” (Burgess, 1987:7). Neste contexto, o estudo da mídia vem ganhando maior destaque nas pesquisas geográficas.

Embora existam reflexões pioneiras, a sistematização de metodologias específicas para se estudar a qualificação dos espaços na imprensa pode ser considerada uma preocupação relativamente recente na geografia. Como nos relata Burgess (1987), até a década de 1970 os geógrafos que estudaram a mídia focavam majoritariamente suas análises em metodologias quantitativas para mensurar o crescimento das telecomunicações. Identificando uma nova agenda de pesquisa sobre mídia na geografia, Burgess (1987) observa uma valorização de estudos sobre o “conteúdo das reportagens e seu impacto nas imagens individuais e grupais dos lugares” (p.9), o que incentiva o desenvolvimento de abordagens focadas no

significado das informações.

Neste contexto, considero aqui que a cartografia jornalística é um veículo que participa deste processo de comunicação e significação dos lugares, apresentando “uma quantia significativa de informações geográfica para o público” (Kent e Sanders, 1993:95). Embora não tenha sido um objeto de estudo muito freqüente na geografia, é válido ressaltar que alguns autores se interessaram pelo estudo destes mapas já no seu primeiro grande impulso durante as guerras mundiais do século XX (Speier, 1941; Whigth, 1947; Ristow, 1957). Após estes eventos geopolíticos marcantes, frequentemente representados espacialmente, a cartografia vem ganhando mais espaço na mídia principalmente a partir da década de 1980, com a introdução de computadores e impressoras modernas no seu processo de produção e reprodução (Monmonier, 1989). Cada vez mais freqüentes na mídia de forma geral, os mapas constituem um tipo de imagem muito requisitado para representar espaços desconhecidos pelos leitores, o que pode justificar um estudo sobre a escolha das práticas cartográficas na representação dos espaços de fronteira na América do Sul.

Na seção seguinte, buscarei discutir sucintamente quais são os possíveis significados associados aos espaços de fronteira, considerando como estes modelos explicativos podem nortear a escolha de práticas cartográficas na elaboração dos mapas estudados.

II - Significados Distintos Associados às Fronteiras: Questionamentos sobre o Objeto

Embora este trabalho seja focado majoritariamente no papel da imaginação na construção de imagens cartográficas, não podemos esquecer que estes modelos de representação podem também gerar impactos concretos na vida daqueles que habitam e conhecem cotidianamente os espaços de fronteira. Ou seja, ao estudar os modelos que fundamentam a construção de imagens sobre as fronteiras na imprensa brasileira, não se deve perder de vista que os mapas estudados além de refletirem concepções existentes na sociedade, também podem justificar e direcionar ações sobre estes espaços, inclusive com o caráter de políticas públicas governamentais¹.

¹ Ao participar como pesquisador no plano de reestruturação do Programa da Faixa de Fronteira brasileira para o Ministério da Integração Nacional (Brasil, 2005) e de outras atividades do Grupo Retis de pesquisa, tive a

Decidir entre a construção de uma estrada, uma ponte, um batalhão ou um muro na fronteira não é uma tarefa exclusivamente técnica e objetiva, pois também envolve significados e simbolismos associados aos sistemas territoriais vizinhos e seus pontos de conexão com o território nacional. A forma como imaginamos um espaço orienta nossas ações sobre o mesmo, e, neste sentido, as imagens cartográficas difundidas na imprensa para representar as fronteiras podem ser uma fonte de informação importante sobre este mundo simbólico que direciona uma série de práticas materiais.

Mas quais seriam os significados e as ações majoritariamente relacionadas com as fronteiras? Que modelos e esquemas existem para representar estes espaços? Segundo Lopez de Mesa (2002), qualquer estudo sobre fronteiras deve primeiramente reconhecer que estas regiões não têm apenas um significado, mas um horizonte de significados, podendo ser caracterizadas de forma polissêmica como: “poder diluído, espaço de transição, lugar de interpenetrações, campo de interações” entre outras definições.

De fato, o sentido da palavra *fronteira* é bastante ambíguo e significados muito distintos já foram associados aos espaços denominados com este termo. Por um lado a fronteira pode ser considerada uma zona ou região de conflito potencial, seguindo a origem etimológica da palavra enquanto “frente” ou “front” de batalha (Foucher, 1991). Por outro, estes espaços podem ser caracterizados a partir das trocas culturais, econômicas e sociais que ali se dão, ou seja, as fronteiras seriam “lugares privilegiados onde se efetuam as confrontações, os empréstimos, as experiências” (Duby, 1988 apud Ribeiro, 2001). Neste sentido, as fronteiras apresentam um papel relacional que simultaneamente conecta e separa, estimulando representações diversificadas na imprensa. A proposta do presente trabalho é justamente identificar alguns destes significados a partir da linguagem dos mapas jornalísticos.

Dependendo da seleção de ícones, índices, símbolos, cores, projeções, escalas, e temas associados às fronteiras, os mapas jornalísticos podem representar estes espaços com significados distintos. Como região de conflito a fronteira geralmente atrai políticas públicas pontuais de militarização e fechamento, coincidindo no plano conceitual com os limites internacionais e estimulando uma representação frequentemente alarmista relacionada ao perigo de violação da soberania nacional (Machado, 2000). Como contato, estes espaços são representados a partir da integração e da abertura, concebidos como áreas privilegiadas para a cooperação

oportunidade de visitar alguns municípios fronteiriços Sul-Americanos e observar como as políticas públicas federais seguem frequentemente concepções externas que não condizem com as demandas e reivindicações locais.

internacional.

Os exemplos da grande imprensa Brasileira, na qual se concentrou a pesquisa documental deste projeto, destacam com muita frequência os espaços de fronteira como lugares não-controlados, por onde circulam “terroristas, drogas, armas e explosivos” (O Globo, 2/5/1999). Manchetes como “Fronteiras, um caso de Polícia” (Jornal do Brasil, 1/10/1989), “Pontos Críticos da Peneira” (O Globo, 2/5/1999) ou “Fronteiras do País pedem Socorro” (O Estado de São Paulo, 27/8/2006), auxiliam na qualificação dos pontos de contato com os países vizinhos. Desta forma a imprensa estimula uma concepção de fechamento das fronteiras a partir de declarações que clamam pela militarização e pelo desenvolvimento de ações de caráter separativo: “Precisamos levantar uma verdadeira muralha da China, porque no lado Boliviano a coca é vendida livremente a quem quiser, o governo deve atuar mais no controle da região”, dizia um delegado de polícia entrevistado pelo jornal O Globo (8/9/1985) para falar sobre as relações entre as cidades bolivianas e brasileiras.

No entanto, ao retratar contextos e localidades específicas, a imprensa também pode transparecer outras concepções, estimulando uma visão integradora entre os países sul-americanos. Geralmente os cadernos de turismo apresentam outras visões, valorizando as conexões entre o Brasil e os Estados limítrofes, principalmente no sul do continente: “O que mais encanta quando se atravessa a linha imaginária que separa o Brasil do Uruguai é exatamente a magia que transforma a fronteira em união”, onde “o público divide graciosamente o português e o espanhol numa mesma mesa de bate-papo” (Folha de São Paulo, 22/2/1985). A constatação de discursos contraditórios na imprensa, relacionando a fronteira com conflito ou contato dependendo do contexto da reportagem, estimulou algumas indagações sobre o impacto destes modelos explicativos na construção dos mapas jornalísticos:

- 1 Quais são as práticas cartográficas mais frequentemente utilizadas pelos mapas jornalísticos brasileiros para representar os espaços de fronteira na América do Sul? A que modelos de representação estas práticas estão associadas?
- 2 É possível identificar tendências diferenciadas na representação dos espaços de fronteira nos mapas da imprensa considerando fatores como os segmentos representados, os temas noticiados e os contextos geopolíticos vigentes?

- 3 A identificação de omissões e destaques nas práticas cartográficas aplicadas possibilita a construção de uma tipologia que considere os significados distintos associados aos espaços de fronteira?

III - Tendências Observadas na Pesquisa Documental: Metodologia a ser Empregada

Para responder a estas indagações, tenho feito uma busca sistemática por mapas veiculados nos jornais brasileiros de grande circulação que representam os segmentos de fronteiras entre os países sul-americanos². A pesquisa tem contemplado um período que vai desde meados da década de 1970, quando os jornais brasileiros passaram a incorporar a cartografia de forma crescente, até a atualidade, considerando um intervalo com mudanças importantes nas formas de produção dos mapas jornalísticos e na geopolítica do continente.

Tecnicamente os mapas que eram feitos à mão e muitas vezes apenas reproduzidos na imprensa, são agora feitos a partir de bases computadorizadas e impressoras de alta definição. Já a Geopolítica continental, com a implantação do Mercosul e a intensificação de trocas comerciais, também pode apresentar características variadas ao longo do período selecionado, imprimindo transformações na percepção que a população dos grandes centros urbanos brasileiros tem dos espaços fronteiros de seu continente. Considerando o desenvolvimento técnico dos mapas na imprensa e os modelos explicativos relacionados a sua construção, buscarei aqui, seguindo caminhos anteriormente trilhados em outras pesquisas iconográficas, desenvolver uma abordagem onde “aspectos técnicos, cognitivos e lingüísticos das representações sejam considerados tão seriamente quanto suas funções ideológicas” (Martins, 1998:19).

Analisando os mapas levantados na pesquisa documental, observa-se primeiramente um aumento quantitativo e qualitativo de sua presença nos jornais ao longo do período estudado, possibilitando o crescente uso de um vasto conjunto de símbolos, cores e projeções. Quanto aos significados associados aos espaços de fronteira, identifica-se uma predominância da representação destes espaços enquanto fonte de “perigo” ou “ameaça”. A forma de ver os vizinhos influencia as concepções sociais relacionadas aos espaços de fronteira, frequentemente caracterizado como “porta de entrada” dos males do país. O mapa abaixo, mesmo que não possa ser

²Os jornais de grande circulação pesquisados são: “Folha de São Paulo, O Globo, Jornal do Brasil e Estado de São Paulo”, todos considerados por Silva (1989) como os jornais “de elite” do país, onde segundo o padrão observado por Monmonier (1989) para o caso norte-americano, se encontra maior quantidade de representações cartográficas.

analisado detalhadamente neste momento, serve para exemplificar um discurso muito comum que vitimiza o Brasil frente aos demais países de seu continente, evidenciando as dificuldades de integração Sul-Americana.

Mapa 1



Fonte: O Estado de São Paulo, 15/6/1997

Publicado no jornal O Estado de São Paulo, o mapa 1 evidencia um momento de profundo desenvolvimento nas tecnologias de produção e reprodução da cartografia jornalística, fazendo uso de cores e signos diversos para representar as relações entre o Brasil e os países limítrofes. Índices, símbolos e textos relacionados a localidades específicas são utilizados para representar as atividades que cruzam as fronteiras do continente.

O foco temático está claramente no destaque das atividades ilegais, consideradas como uma “afronta a soberania” por não respeitarem as fronteiras nacionais, como destaca o título da reportagem. Muitos textos existentes na reportagem evidenciam a existência de um discurso onde o Brasil aparece como vítima, pois a ilegalidade e suas mazelas têm origem do outro lado da fronteira. Nesta perspectiva, o controle dos fluxos com os países limítrofes seria a solução para combater as atividades ilegais no país, o que fica explícito no sub-título do mapa: “nesta faixa de fronteira está a origem da violência que vai explodir sob diversas formas nos grandes centros urbanos da região sudeste”. Esta perspectiva é também difundida através das setas, das cores e dos signos pictóricos do mapa, que atuam como uma linguagem que necessita de instrumentos metodológicos apropriados para ser interpretada.

A esta altura fica claro que o exame sistemático dos mapas jornalísticos enquanto documentos figurativos que revelam e influenciam as concepções sobre os espaços de fronteira, requer necessariamente a definição de uma metodologia específica de análise do significado das imagens. Observando as matrizes teóricas utilizadas por geógrafos que seguiram questões semelhantes as aqui propostas, identifiquei que a busca por ferramentas metodológicas para o estudo interpretativo das imagens conduziu a uma presença recorrente de duas matrizes teóricas: a história da arte e a semiologia.

Através da formulação que deram aos conceitos de iconografia e iconologia, os historiadores da arte têm influenciado o trabalho de muitos geógrafos que estudam as paisagens, fotografias e mapas como indícios, documentos que revelam concepções específicas sobre o espaço geográfico (Cosgrove, 1984, 1987, 2000, Harley, 1988, 1996, entre outros). Por outro lado, a semiologia tem estabelecido um diálogo frutífero com a geografia, contribuindo tanto no que diz respeito às possibilidades de construção de produtos gráficos para representar o espaço (Bertin, 1967 Bodin, 1984 Gauthiner, 1984), como na identificação de discursos difundidos a partir de signos específicos (Wood, 1992 Duncan, 1990 e Duncan e Duncan, 1992, Aitken, 1991, entre outros). É a partir destes diálogos que pretendo buscar ferramentas metodológicas

para desenvolver uma análise simbólica dos espaços de fronteira nos mapas jornalísticos pesquisados, que serão sistematicamente catalogados e interpretados.

Partindo do pressuposto de que a cartografia jornalística atua como mais um veículo que influencia na formação de imagens mentais diversificadas sobre as fronteiras sul-americanas, o presente projeto busca questionar em que momentos e a partir da representação de quais segmentos estes espaços são valorizados por sua posição marginal ou por seu caráter conectivo e interativo. Ao discutir como os jornais brasileiros qualificam fronteiras desconhecidas pela maioria dos leitores a partir da construção de representações espaciais, este trabalho pode contribuir tanto na compreensão dos modelos explicativos que envolvem estes espaços, quanto no estudo específico sobre a linguagem dos mapas veiculados na imprensa.

IV - Bibliografia Utilizada

- AITKEN, C. e ZONN, E. (1991): *Place, Power, Situation and Spectacle. A Geography of Film*. Boston, Rowman e Littlefield Publishers.
- BALCHIN, W. G. V. (1988): "The Media Map Watch in The United Kingdom". In: *Cartography in the Media*. GAUTHIER, M. J. (ed). Quebec. Presses de l'Université du Québec.
- BERTIN, J. (1967). *Sémiologie Graphique*. Mouton, Paris. Gauthier-Villars.
- BODIN, S. (1982): "Novas Perspectivas para o Ensino da Cartografia". Boletim Goiano de Geografia. 2(1). Jan/jun. p.73-87.
- BODIN, S. (1988): Um Bilan dès Images Graphiques (Diagramme et Cartes) dans la Presse Francese, 1980
– 1986. In: *Cartography in the Media*. GAUTHIER, M. J. (ed). Quebec. Presses de l'Université du Québec.
- BRASIL (2005). Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Programas Regionais. Programa de desenvolvimento da Faixa de Fronteira. Proposta de Reestruturação do programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira. Brasília: Ministério da Integração Nacional.
- BURGESS, J. (1978): *Image and Identity*, Occasional Paper in Geography. Nº23 University of Hull.
- _____. e GOLD, J. (eds) (1987): *Geography, Media and Popular Culture*. London. Croom Helm.
- COSGROVE, D. (1984): *Social Formation and Symbolic Landscape*. London, Croom Helm.
- _____. e DANIELS, S. (orgs), (1987): *The Iconography of Landscape*. Cambridge, Cambridge University Press.
- _____. e JACKSON, P. (2000): Novos Rumos da Geografia Cultural. In Corrêa e Rosendahl (orgs): *Geografia Cultural: Um Século (2)*. Rio de Janeiro. EdUERJ. p. 15-32.

- CRAMPTON, J. W. (2001): "Maps as Social Constructions: Power, Communication and Visualization". *Progress in Human Geography* 25 (2): 235-252.
- DRIVER, F. (1999): "Imaginative Geographies". In: CLOKE, P. CRANG, P. GOODWIN, M. (orgs). *Introducing Human Geographies*. London. Arnold.
- _____ (2001): *Geography Militant: Cultures of Exploration in an Age of Empire*. London. Blackwell.
- DUNCAN, J. (1990): *City as Text. The Politics of Landscape Interpretation in The Kandian Kindon*. Cambridge. Cambridge University Press.
- DUNCAN, J. S. e DUNCAN, N. G. (1992): *Ideology and Bliss: Roland Barthes and the Secret Histories of Landscape*. In: BARNES, T. e DUNCAN, J. S: *Writing Worlds. Discourse, text e metaphor in the representation of landscape*. London. Routledge.
- FOUCHER, M. (1991): *Fronts et Frontières – un tour du monde géopolitique*. Paris, Fayard.
- GAUTHIER, M. J (1988): *Les Cartes et Les Diagrammes des les Médias: Reflexions Générales ET Quelques Exemples Procédant de la Graphique*. In: *Cartography in the Media*. GAUTHIER, M. J. (ed). Quebec. Presses de l'Université du Québec.
- GILMARTIN, P. (1985): "The Design of Journalistic Maps/ Purposes, Parameters and Prospects." *Cartographica* 22 (4): 1-18.
- GREEN, D. R. (1999): "Journalistic Cartography: Good or Bad? A Debatable Point". *The Cartographic Journal*. 36 (2): 141-153.
- GREGORY, D. (1995): "Imaginative Geographies". *Progress in Human Geography*, 19: 447 – 485.
- GRIMSON, A. (ed) (2001): *Introdução. Fronteras Políticas versus Fronteras Culturales?.* In: GRINSON, A. (org): *Fronteiras, Naciones e Identidades. La Periferia como Centro*. Buenos Aires. Ediciones Ciccus. La Crujia. P.9 – 40.
- GRONOFF, J. D. (1988): "Approche Théorique d'un Savoir-Faire Graphique: Étude de Quelques Produits Graphiques des Hebdomanaires Nordaméricains, Newweek et Time". In: *Cartography in the Media*. GAUTHIER, M. J. (ed). Quebec. Presses de l'Université du Québec. P.15 – 32.
- HARLEY, J. B. (1988): "Maps, Knowledge and Power". In: D. COSGROOVE e S. DANIELS (eds.). *The Iconography of Landscape*. Cambridge. University of Cambridge Press. p.277-312.
- HARLEY, J. B. (1996): "Deconstructing the map". Em: J. AGNEW e outros (eds.). *Human geography: An essential anthology*. Oxford: Blackwell Publishers, p. 422-443
- HOUSE, J. (1980): "The Frontier. A Conceptual Problem for Policy Makers", *International Political Science Review* 4(1). P. 456-477.
- KENT, R. B. e SANDERS, J. M. (1993): "Map use in Regional Newspaper in Midwestern United States 1930-1985." *Cartographica* .30 (2): 94-101.
- LOPES de MESA, G. M. V. L. (2002): "Fronteras: Espacios Conceptuales y Materiales em el Contexto de la Geografía". In: GRINSON, A et alli (orgs). *Fronteras Territórios y Metáforas*. Medellín. Hombre Nuevo Editores Medellín.

- LOWENTHAL, D. (1961): "Geography, Experience, and Imagination: Towards a Geographical epistemology". *Annals of the Association of American Geographers*. Vol. (51). Nº 3 : 241 – 260.
- MACHADO, L. O. (1998): "Limites, Fronteiras , Redes". In: STROHAECKER et alli: *Fronteiras e Espaço Global, III Colóquio Internacional de Estudos Fronteiriços*, Santana do Livramento/ Rivera, AGB. P.41 – 49.
- _____ (2000): *Limites e fronteiras. Da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade*. In *Revista território*, Rio de Janeiro, ano V, n8, pp 7-23, jan/jun.
- _____ (2002): "Sistemas, Fronteiras e Território. In: Atlas da Fronteira Continental do Brasil. Coleção de Textos. UFRJ.
- MARTINS, L. (1998): *Paisagens Brasileira, Olhos Britânicos: O Rio de Janeiro dos Viajantes, 1800 – 1850*. Rio de Janeiro: UFRJ. Programa de Pós-Graduação em Geografia.
- MITCHELL, W. J. T. (1986): *Iconology: Image, Text, Ideology*, Chicago, University of Chicago Press. *Encyclopédie de Géographie Humaine*, Paris: Economica, 257-272.
- MONMONIER, M. (1989): *Maps With the News: The Development of American Journalistic Cartography*. Chicago. University of Chicago Press.
- _____ (1991): *How to lie with maps*. Chicago: University of Chicago Press.
- MOORE, G. T.; GOLLEDGE, R. G. (Ed.) (1976): *Environmental knowing: theories, research, an methods*. Stroudsburg, Pennsylvania: Dowden, Hutchinson & Ross, Inc. p. 3-24.
- NOVAES, A R. (2005): "A Iconografia das Drogas na Imprensa (1975 – 2002)". Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. UFRJ.
- PANOFSKY, E. (1979): *Significado nas Artes Visuais*. São Paulo. Ed. Perspectiva, (1º edição de 1955).
- PEIRCE, 1972: *Semiótica e Filosofia*. São Paulo. Cutrix e USP.
- RIBEIRO, L. P. (2002): *Zonas de Fronteira Internacionais na Atualidade: Uma Discussão*. In: Atlas da Fronteira Continental do Brasil. Coleção de Textos. UFRJ. 29p.
- RISTOW, W. W. (1957): "Journalistic Cartography". *Surveying and Mapping* 17, (4): 369 – 390.
- SILVA, C. E. L. (1989): "La Influencia Americana en el Periodismo Brasilenõ". *Dialogos de la Comuicacion*. Junho, 24, p.7-18.
- SADER, E. (2001): "Introdução" In: FREIRE, S. M (org): *Mercosul em Debate: Desafios da Integração na América Latina*. Rio de Janeiro. Ed UERJ.
- SAID, E. (1995): *Orientalism: Western Conceptions of the Orient*. London. Penguin Books.
- SPEIER, H. (1941): "Magic Geography". *Social Research*, 8, p. 310-330.
- WOOD, D. (1992): *The power of maps*. London: Ed. Routledge.
- WRIGHT, J. K. (1942): "Map Makers are Human : Comments on the Subjective in Maps". *Geographical Review* v.32: 527-544.
- _____ (1947): "Terra Incognitae: The Place of Imagination in Geography". *Annals, Association of American Geographers*. Vol 37: 1-15.